

Alexsandra dos Santos Barbosa¹
Sônia Maria da Costa Braga²

The loneliness of the black woman and solo motherhood: real experiences

Resumo:

O artigo tem por objetivo discutir as vivências cotidianas das mulheres negras e mães soltas na solidão imposta pela sociedade machista, racista e misógina. Fazendo paralelos emocionantes entre relatos pessoais da autora e citações de mulheres negras de grande referência na filosofia e na literatura nacional e internacionais como Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro e Bárbara Carine, usa-se de um diálogo com a realidade social para discutir questões necessárias e que por muito tempo foram silenciadas. Como resultado da pesquisa feita, pode-se inferir que o autoconhecimento sobre os reais motivos da solidão da mulher negra são estruturais e fazem parte de todo um sistema e que a tomada de consciência alivia essas mulheres de mais uma culpa, a de estarem sozinhas socialmente.

Palavras-chave: Solidão da mulher negra. Maternidade. Vivências.

Abstract:

The article aims to discuss the daily experiences of black women and single mothers in the loneliness imposed by sexist, racist and misogynistic society. Making exciting parallels between the author's personal accounts and quotes from black women of great reference in philosophy and national and international literature such as Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro and Bárbara Carine, it uses a dialogue with social reality to discuss issues necessary and that for a long time were silenced. As a result of the research carried out, it can be inferred that self-knowledge about the real reasons for black women's loneliness are structural and part of an entire system and that becoming aware relieves these women of yet another guilt, that of being socially alone.

Keywords: Loneliness of the black woman. Solo motherhood. Experiences.

¹ Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciada em Filosofia (UFC). Professora de Filosofia na EEMTI Desembargador Raimundo de Carvalho Lima. E-mail: alexsandrabarbosademoraes@gmail.com

² Licenciada em Língua Portuguesa. Professora de Língua Portuguesa na EEMTI Desembargador Raimundo de Carvalho Lima. E-mail: sobraga40@gmail.com

1. RECONHECER-SE MULHER NEGRA

Fingi de muitas formas ao longo de grande parte da minha vida. Quando comecei a caminhar pela trilha do amor, fiquei impressionada pela velocidade com que algumas disfunções anteriores eram alteradas (HOOKS, 2021, p. 240).

As primeiras palavras que aqui ficarão registradas surgiram de reflexões no meu quarto, no descanso após café da tarde e na solidão. Na minha solidão diária, na minha mente barulhenta que questiona o porquê de tanta diferença. O porquê dos atravessamentos que só as mulheres negras enfrentam e o porquê de uma estatística que aparece mais mulheres negras como mães solo. Fico a pensar: será que não tenho amor para dá, não sou agradável e até mesmo boa companhia. Mas em contrapartida, até onde o letramento racial pode nos levar. O conhecimento pode ser um caminho sem volta (não sei onde eu escutei essa frase), mas sei que não vejo mais a minha solidão como culpa minha, da timidez ou da baixa autoestima.

Hoje, vejo tal fenômeno, a solidão da mulher negra, como algo enraizado de uma sociedade machista, racista e misógina. Escrever sobre algo que conheço tão bem e que vejo em outras irmãs pretas somente me dá a possibilidade de externar o quão complexo é estar nesse lugar de fala. Ainda, já vejo a minha filha de 7 anos enfrentando questões sutis da solidão. Até que ponto aprendemos a gostar da solidão, não tenho resposta para essa pergunta ainda. Em meio a tantos questionamentos trago estudiosas negras renomadas e representações reais do meu convívio. Nesse sentido, (hooks, 2021, p. 94) "O amor próprio não pode florescer em isolamento. Não é uma tarefa fácil amar a si mesmo. Axiomas simples que fazem o amor próprio soar fácil só tornam as coisas piores. Eles levam muitas pessoas a se perguntarem por que continuam presas a sentimentos de baixa autoestima e auto-ódio se é assim tão fácil se amar. Usar uma definição prática do amor como as ações que tornamos em favor de nosso crescimento espiritual ou o de outrem nos fornecem um diagrama para trabalhar a questão do amor-próprio". Reconhecer-se mulher negra possibilita o entendimento de estruturas sociais e históricas para a auto afirmação enquanto mulher e negra numa sociedade que a inferiorizam.

2. A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE

A mulher negra carrega um fardo social imposto pelas condições históricas, sociais e culturais na humanidade. Parte-se da premissa que o "ser mulher" já tem uma função de subalternidade e submissão. Basta analisarmos algumas frases que são repetidas até hoje: "lugar de mulher é na cozinha", a mulher sábia edifica sua casa", "a mulher é um sexo frágil", dentre outras... No que tange a feminilidade da mu-

lher podemos destacar outras falas: "as mulheres são competitivas entre si", "as mulheres se arrumam para outras mulheres", "as mulheres são mais fofoqueiras". Esta análise introdutória traz uma breve observação sobre as mulheres. Ao sentir-se mulher pode-se encaixar nas diversas e diferentes maneiras de mostrar-se para a sociedade. Já a reflexão acerca da mulher negra é muito mais complexa do que podemos imaginar. Para isso, vamos adentrar ao universo feminino negro sob a ótica de um contexto no que diz respeito ao ter que recomeçar a cada desvantagem que a sociedade racista a impõe.

Para Gonzalez (2020, p. 43), "O espanto e/ou a indignação manifestados por diferentes setores feministas quando é explicitada a superexploração da mulher negra muitas vezes se expressam de maneira a considerar o nosso discurso, de mulheres negras, como uma forma de revanchismo ou de cobrança. Outro tipo de resposta que também denota os efeitos do racismo cultural, de um lado, e do revanchismo, de outro, é o que considera a nossa fala como sendo emocional. O que não se percebe é que, no momento em que denunciamos as múltiplas formas do povo negro em geral e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito mais em quem nos ouve". Nessa perspectiva, ser mulher negra em uma sociedade racista é estar disposta ao enfrentamento diário. No que tange ao social; o homem tem prioridades e privilégios por não ter dupla jornada de trabalho, na diferença salarial, na participação familiar, dentre outras.

As discriminações raciais para meninas negras comecem bem cedo na pré-escola, como por exemplo; sendo a última da fila, sendo a antagonista nas apresentações, sendo a que é pouco estimulada, não vista, não elogiada e por aí vai... ações racistas na sutileza do cotidiano. No decorrer da vida escolar as experiências isoladas vão aparecendo. Nas relações afetivo-amoroso as meninas adolescentes são as menos paqueradas, as menos cotadas para oportunidades e na vida adulta os caminhos as levam quase sempre à solidão. Pode-se até questionar: "Será que essa solidão não as acompanhou desde bem pequena?"

3. A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA E A MATERNIDADE SOLO

A discriminação sexual traz para a mulher negra a internalização ancestral da servidão, da obrigação de dá prazer para o seu parceiro e aceitação de receber "migalhas" de nos relacionamos. As discriminações impostas a nós, mulheres negras, é cruel e devastadora, porém reerguer não é uma escolha e sim uma necessidade. Até ser amada por nós mesmos, ser altiva causa estranhamento e repudia por parte da sociedade. Para Hooks (2022):

A maioria de nós tem dificuldades de aceitar uma definição de amor que afirma que nunca somos amados em contextos nos quais existe abuso. A maioria das crianças abusadas física e/ou psicologicamente foi ensinada pelos adultos responsáveis que amor pode coexistir com abuso. E, em casos extremos, que o abuso é uma expressão de amor. Esse pensamento defeituoso com frequência molda nossas percepções adultas do amor (HOOKS, 2022, p. 51).

Assim, percebemos que essa questão é muito mais complexa do que imaginamos. Ser mulher negra que tem desejos e liberdade de expressá-los não as destitui da solidão. Sair do lugar de abandono para o lugar de ressignificação não quer dizer que nas relações serão preteridas.

Nesse sentido, ser dona do próprio corpo e dos desejos pode ser revolucionário para a própria mulher, essa afirmação não revela que para as relações sociais seja mais fácil. A mulher negra é vista como raivosa mal-educada e sem elegância, e espera-se isso de nós o tempo todo. Até falar baixo e firme, se vier de uma mulher negra incomoda. Estar entre as nossas (mulheres negras) é um ato de acolhimento e sororidade. Aquela sensação de "eu te entendo". Os medos que nos atravessam são diferentes. No sentido de estar sempre esperando que algo de prejudicial aconteça, na perspectiva do racismo. Ser muito bom parece pouco e cansativo.

Como pessoas pretas, fomos desumanizadas e ainda colhemos frutos dessa atrocidade. Em obras de mulheres negras que se pode ter esperança de gerações futuras com menos prejuízos por questões raciais. Ainda, dá possibilidade de voltar para o passado e acolher a minha criança negra que sozinha brincava no quintal e dizer: a culpa não é sua. Mas no presente como mãe solo revisito o acolhimento interno, agora sei a verdade: a culpa não é minha. A solidão que me acompanha desde criança não veio de mim e sim de uma sociedade excludente e injusta. Uma sociedade que deixa mulheres negras nas suas vulnerabilidades repassarem suas dores para seus descendentes. "Sei que aqui a linguagem é acadêmica, mas estou emocionada. Escrevo sobre mim, minha mãe e minha filha".

Para Ribeiro (2018, p. 87), "desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães. Divulgam uma ideia romântica de maternidade e a enfim na goela abaixo, naturalizando esse lugar. Mais além, cria-se a culpa. Não é incomum ouvir 'Que mãe é essa que permite isso' ou 'Mãe que é mãe aguenta tudo'". Tal fala é tão real na trajetória de mulheres negras. Na busca por ascensão social, para sermos inseridas no mercado de trabalho, na universidade. Não basta ocupar esses espaços temos que ter coragem para falar, para recomendar, para permanecer nesses lugares quando pessoas não negras se mostrarem incomodadas com a nossa presença. Ter conhecimento

nos ajuda a ter autoconfiança, que nos foi abolida. Ao tentar burlar a oportunidade de trabalho e acesso ao estudo da mulher negra o sistema pretende estabilizar para dar a "vez" para homens negros, mulheres não negras e homens não negros. Essa exemplificação reflexiva traduz fielmente a fala dessa estudiosa.

A solidão da mulher negra é triste sim, mas deve ser entendida como algo danoso não só a mulher negra, mas a sociedade e as gerações futuras. Nessa análise, o estereótipo de mulher para passear em público, para ser presenteada e mimada é diferente, enveredam para o caminho também da solidão da mulher preta. Nas paqueras em bares, a ida a cinemas, a locais de lazer no geral a mulher negra ainda é a menos escolhida. Sim, escolhidas. Não são escolhidas nem muito menos tem a possibilidade de escolher. O afeto e o desejo de ser amada devem ser entendidos como um ato natural do ser humano.

Convivo com homens negros letrados racialmente, mestres e estudiosos sobre as questões raciais que ainda sim suas mulheres são brancas. Poderia também trazer estatísticas sobre mulheres negras que vivem sozinhas, a nós também é delegado o título de mulher forte e destemida. É negado a nós o direito de querer afeto e de expor os sentimentos. Trago novamente para a minha realidade o exemplo de amigas, mulheres negras, que a anos não têm relacionamento sexo afetivo e que aprenderam a conviver com essa realidade e a nós, nessas condições, nos resta a dedicação ao trabalho e a família.

Apesar disso, mesmo que sozinha, seguir é a opção mais coerente na perspectiva de resistir. A maternidade não é fácil. Criar outro ser humano é como se estivesse numa montanha russa é prazeroso e dá medo. Ao compartilhar os desafios de criar um filho com o pai já é difícil, imagine sozinha. Ser mãe solo requer muita disposição e estratégia para lidar com as demandas de trabalho e outras atividades cotidianas. Lidar com as emoções, frustrações, com as necessidades de outras pessoas (filho) requer abdicar de seus próprios desejos para suprir a obrigação de criar e educar.

Para Ribeiro (2018, p. 87), "...mãe é um ser humano, e não alguém com superpoderes. Por trás de uma mãe que aguenta tudo há uma mulher que desistiu de muita coisa e um pai ausente desculpado pelo patriarcado". Nesse pensamento, trago reflexões sobre o pai; quando dão a pensão alimentícia se acham no direito de fazer exigências, não levam para o hospital quando estão doentes, não vão à escola do filho, não ligam diariamente e nem muito menos participam de maneira efetiva. À mãe toda a responsabilidade de criar e educar.

Vale ressaltar que essa mãe é mulher, trabalha, é vaidosa, precisa de lazer e muitas vezes não tem

rede de apoio suficiente para suprir as suas necessidades. A mãe solo vive a solidão diária de não ter acolhimento e entendimento. Nos locais de trabalho a pressão aumenta por seus empregadores saberem que essas mulheres necessitam de emprego, além do mais são mais propícias a faltar ao trabalho para acompanhar seus filhos ao médico e à escola. Todas essas questões são conflitantes para a saúde mental da mãe solo e quando essa mãe é uma mulher negra as possibilidades de conflitos diários aumentam.

Ainda, ao passar por privações financeiras a mãe solo sempre vai priorizar os filhos: escolas, cursos, lazer... Conversei com outras mães negras e elas definiram a maternidade da seguinte forma: "é difícil até de falar porque é cansativo", "criei todos com muita dificuldade e hoje estou tranquila", "não é fácil" "interessante que o pai só aparece na hora de tirar fotos nas redes sociais", "estou muito sozinha" "Chorei muito ao saber que meu filho tem dificuldades na escola, o pai dele ainda atrapalha".

São falas reais de mulheres reais que não tem aparato da sociedade. Em seus trabalhos elas destacaram: "não vou para o meu médico porque já faltei para levar meu filho essa semana", "Não sei com quem minha filha vai ficar hoje para eu ir trabalhar". E nas relações: "no meu aniversário não pude ficar com minha namorada porque meu filho não foi para o pai". Sem falar que quando se é mãe solo é vista como incapaz de cumprir com atividades extras, tipo: entre ganhar um curso, uma viagem a profissional (mãe) raramente é agraciada. Ainda, poucas amigas querem fazer programas com crianças.

Outro dia escutei de uma amiga dizendo: "só queria uma família, só quero alguém para ser pai dos meus filhos" fiquei reflexiva por ela ser uma mulher branca. A nós mulheres negras é negado o direito de querer ter um pai para os nossos filhos. É exigido que sejamos fortes, eficientes e felizes. No tocante de ser mãe solo pode-se destacar as mães que criam seus filhos sozinhas mesmo que o pai more na mesma residência. Muitos homens se apoiam nessas mulheres e delegam a elas todas as obrigações. Mesmo aquelas que estão numa condição de conforto, nos seus casamentos, precisam estar em estado de agradecimento por serem escolhidas e amadas pelos pais dos seus filhos, como poucas são. Falar de maternidade também é falar sobre o amor que transforma, que dá esperança de viver, que rouba sorrisos e momentos inesquecíveis. Para Hooks (2021, p. 194), "A prática do amor exige tempo. Sem dúvidas, a maneira como trabalhamos nesta sociedade deixa os indivíduos com tão pouco tempo que, quando não estamos trabalhando, estamos física e emocionalmente cansados para trabalhar na arte de amar".

É com esse amor que cura as dores, os medos, as angústias e as preocupações de maternar sozinha que

muitas de nós encontramos força e coragem para continuar um dia de cada vez na busca de dias sem discriminação raça e transformação social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode concluir com o estudo apresentado no texto é uma reflexão sobre a importância de um processo inicialmente pessoal de reencontro com as próprias categorias que perpassam a vida cotidiana das mulheres negras no Brasil e de como o letramento racial e estudos que articulam gênero e raça podem fazer diferença na vida das mulheres para que, a partir disso, possamos nos ressubjetivar dentro das condições possíveis e assumir nosso lugar de protagonismo nas nossas histórias.

Outro ponto importante, fruto do estudo direcionado pelo artigo, é que tratar da História das Mulheres é algo relativamente novo do ponto de vista historiográfico, algo que engatou enquanto objeto de pesquisa nos anos de 1970 com a entrada das mulheres nas universidades e expansão do movimento feminista. Mais novo ainda é tratar sobre mulheres negras e suas questões, suas subjetivações e sua solidão emocional e social. Ou seja, o estudo aqui apresentado tem sua marca de inovação e conexão com as questões sociais mais urgentes e importantes para parte considerável da população brasileira, as mulheres negras.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**/ Cida Bento - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 251 -261

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos / organização Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.